

MUSEU, MEMÓRIA E IDENTIDADE POMERANA: uma correlação local

Alessandro Wickboldt Hellwig¹

RESUMO

Por esse artigo procurou-se analisar as representações que a criação do Museu do Imigrante em São Lourenço do Sul poderá ocasionar em relação à identidade pomerana presente no município. Observando o processo que desencadeou a criação do museu, se percebeu que a identidade pomerana encontra-se bastante presente em várias localidades do município: em casas particulares, casas comerciais, escolas e igrejas, que expressam a memória do grupo étnico em questão. Esta proposta é de grande importância devido ao momento em que a comunidade pomerana, por meio de sua memória coletiva, empreende uma forte batalha contra o esquecimento e à transformação cultural. Trata-se de buscarmos um lugar adequado à cultura e à história do município: a criação de um museu.

Palavras chave: Museu, memória, identidade, cultura pomerana.

INTRODUÇÃO

Neste artigo procura-se discutir as representações que um museu local poderá ter sobre a cultura pomerana de São Lourenço do Sul. Mediante uma análise particular da maneira como a criação do Museu do Imigrante poderá influenciar na identidade pomerana através das exposições museográficas, projetos de educação patrimonial e demonstrando como a identidade pomerana é deliberadamente presente no cenário cultural do município. Este tema exige uma observação em relação ao momento em que a comunidade pomerana, por intermédio de suas realizações, se empenha em uma forte batalha contra o esquecimento e a transformação cultural, demandando a criação de um lugar; um espaço contextualizado da

¹ Graduado em Licenciatura em Geografia e Pós-graduado em Geografia do Brasil pela Universidade Federal de Pelotas.

cultura e da história, um lugar que se constitua em refúgio do “eu” ameaçado pelas mudanças atuais².

A criação do Museu do Imigrante em São Lourenço do Sul não foi idealizada por uma parcela minoritária da população, mas sim por um grupo considerável de pessoas empenhadas em materializar a cultura do município. Durante as reuniões da comissão responsável pela organização do Sesquicentenário da Colonização Alemã-pomerana percebeu-se essa necessidade de criar um espaço permanente da representação cultural. A criação do Museu do Imigrante ganhava concretude, a cada reunião, entre a comissão e as comunidades do município.

As reuniões ocorreram em diferentes distritos do município, desta forma possibilitou-se uma democratização do debate acerca da questão cultural e a conseqüente proposta de criação de um museu. A comunidade, durante as discussões nas reuniões, demonstrou grande interesse à proposta e através desse diálogo se espera que o objetivo seja alcançado. Pois é a comunidade étnica em questão que necessita desse espaço de materialização cultural, uma fonte de recordação, informação e conhecimento, onde a memória coletiva possa ser representada e vise mobilizar as pessoas para que se envolvam com a sua própria história.

BUSCANDO VESTÍGIOS CULTURAIS PARA O MUSEU

Os museus são definidos como instituição guardiãs da memória. Constituem um cenário privilegiado da história e identidade de um povo. Os museus, além do mais, tem uma importância política, pois guardam uma estreita relação com o processo de formação de uma cidade. É uma espécie de lugar sagrado de uma região³.

O museu é um espaço que representa a cultura dos homens, os seus objetos e suas relações locais. O seu papel fundamental, não é apenas da guarda de objetos e documentos, por mais expressivos que estes possam ser, mas na constituição de um espaço culturalmente dinamizado de produção de conhecimento e educação patrimonial.

² Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2002, p. 13).

³ As condições atuais fazem com que as regiões se transformem continuamente, legando, portanto, uma menor duração ao edifício regional. Mas isso não suprime a região, apenas ela muda de conteúdo. A espessura do acontecer é aumentada, diante do maior volume de eventos por unidade de espaço e por unidade de tempo. A região continua a existir, mas com um nível de complexidade jamais visto pelo homem (SANTOS, 1996, p.197).

É preciso entender que os museus refletem a constituição cultural e política local, porque através de seu acervo, contam a história de formação do lugar, como também as histórias pessoais envolvidas no processo.

São Lourenço do Sul possui, atualmente, um museu municipal que tem um caráter político e cultural mais amplo, abordando aspectos gerais da história do município. Existem objetos e documentos de todos os tipos: artesanais, religiosos, fotográficos, folclóricos, etnográficos, da formação da cidade, musicais e de trabalho. No entanto, sobre o tema que interessa nesse artigo, que busca aspectos mais específicos sobre a cultura pomerana, existem poucos objetos. Sendo assim, é relevante a criação de um museu que busque ressaltar as particularidades culturais pomeranas presentes no município, através de objetos e documentos desse tema.

É de grande importância ter em mente que, na maioria das vezes, as características que um determinado museu possui em relação ao seu acervo, isto é, os objetos musealizados e a sua conseqüente exposição ao público, são estabelecidos por uma determinada pessoa ou pequeno grupo. Muitas vezes, para entender a própria temática e a adoção de determinadas visões em um museu é necessário ter conhecimento daqueles que selecionaram (pesquisadores, comunidade ou poder público) determinados objetos, como também a edificação museológica e o seu entorno⁴, que procuram ser evidenciados por essa pessoa ou grupo, acabam por se tornar a imagem que o visitante poderá ter desse espaço⁵. Principalmente quando o processo de obtenção do acervo, restauro e entorno do museu não estejam em harmonia, isto é, não existir uma política criteriosa na concretização do projeto. A imagem pretendida poderá ser ou não assimilada pelo público visitante tornando-se descontextualizada da temática cultural.

O Museu do Imigrante, mesmo antes de ser criado, já realizou uma pequena exposição durante as comemorações do Sesquicentenário da Colonização Alemã-pomerana e contou com a presença de um número significativo de visitantes. Mesmo sendo um acervo pequeno em relação à potencialidade do município, estes objetos, pela maioria das pessoas, foram vistos como documentos capazes de fazer referência a uma época histórica definida, a diferentes classes sociais, grupos, gêneros ou idades, isto é, eles passam a ser representações

⁴ A própria natureza da cidade e dos conjuntos urbanos tradicionais, seu ambiente, resulta dessa dialética da “arquitetura maior” e de seu entorno. É por isso que, na maioria dos casos, isolar ou “destacar” um monumento é o mesmo que mutilá-lo. O entorno do monumento mantém com ele uma relação essencial (CHOAY, 2001, p.201).

⁵ O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como quadro único no qual a história se dá (SANTOS, 1996, p. 51).

de uma determinada realidade. Realidade essa construída pela própria comunidade étnica, posta em seu confronto através dos objetos⁶ e das relações desses objetos museológicos, enquanto documentos, jamais podem ser visto como algo neutro.

Em uma pequena amostra realizada entre os dias 17 e 20 de Janeiro de 2008, na casa do fundador da Colônia Jacob Rheigantz na localidade de Picada Moinhos, que servirá para a criação do museu, se percebeu o interesse acima das expectativas quanto à visita. Durante a visita, as pessoas demonstravam-se atraídas pelo acervo. Foi possível identificar a relação de proximidade entre objetos e visitantes, pois grande parte das pessoas tinha alguma identificação com o objeto exposto.

Além de possuírem um valor histórico⁷, os objetos expostos no museu possuem outro papel de grande valor, o modo como eles se apresentam seu estado de conservação. Essa importância existe na relação desses com o público que visita esse espaço e lhes confere um significado. É justamente nesse processo de comunicação entre público-objeto-museu-entorno, que se pode estabelecer uma relação com determinado fato, momento ou período. É através dela que o público entra em contato com o objeto e a partir desse contato constrói diferentes concepções pessoais e coletivas, que se referem a uma determinada realidade cultural.

Em relação à exposição de acervo, pode-se dizer que é a parte que se manifesta em primeiro lugar ao público é a grande possibilidade de experiência cultural através do patrimônio⁸. Portanto, em relação a essa primeira impressão nos leva a uma visualização mais ampla, mas faz perceber que esse espaço não é apenas fonte de informação, mas também, lugar e meio de comunicação que serve para estabelecer relações da comunidade com o patrimônio, com a memória e com a própria identidade pomerana.

Neste cenário, a criação do Museu do Imigrante ocupa um papel importante, pois poderá ser considerado local de percepção dessa memória e dessa identidade. Deverá ser um espaço que busque reforçar determinados aspectos relacionados à identidade cultural do

⁶ A partir do reconhecimento dos objetos na paisagem, e no espaço, somos alertados para as relações que existem entre os lugares. Essas relações são respostas ao processo produtivo no sentido largo, incluindo desde a produção de mercadorias à produção simbólica (SANTOS, 1996, p. 58).

⁷ A palavra mágica: valorização [*mise-em-valeur*]. Expressão chave, da qual se espera que sintetize o *status* do patrimônio histórico edificado, ela não deve dissimular que hoje, como ontem, apesar das legislações de proteção, a destruição contínua pelo mundo, a pretexto de modernização e também de restauração, ou à força de pressões políticas, quase sempre irresistíveis (CHOAY, 2001, p. 212).

⁸ Nessa visão, é evidente que o patrimônio não se constitui apenas de edificações e peças depositadas em museus, documentos escritos e audiovisuais, guardados em bibliotecas e arquivos. Interpretações musicais e cênicas (documentadas ou não) e, mesmo, instituições também integram um patrimônio cultural coletiva. Interpretações e instituições, assim como lendas, mitos, ritos, saberes e técnicas, podem ser considerados exemplos de um patrimônio dito imaterial (ABREU e CHAGAS, 2003, p. 69).

município. De especial destaque é a valorização do trabalho, da educação e das relações comunitárias presentes entre os elementos étnicos do município. No caso da identidade pomerana, existem alguns critérios determinantes de pertencimento a esse grupo: o uso da língua⁹, a preservação de costumes (comportamento religioso e concepção de trabalho), a vida associativa e o papel importante da educação. Esses elementos costumam estar bastante evidenciados nesse espaço, onde encontramos objetos e documentos que buscam reforçar essa visão que é de extrema importância para esse grupo, demarcando também dessa forma as diferenças com o “outro”, fundamental nas questões identitárias.

Nessa perspectiva, um dos objetivos de Museu do Imigrante deve ser o de dar suporte a estudos e pesquisas que possam contribuir para o entendimento das questões culturais presentes no município e fora dele. Para que ele cumpra esse importante papel de reinterpretação da historiografia local, é necessário considerar que o museu tem o poder de decidir o que lembrar e o que esquecer, escolher ou repudiar, coletar ou descartar, concordar ou questionar. Isso lhe confere importante papel na reconstrução da identidade pomerana a partir do que se têm preservado e registrado.

MUSEUS: DISPUTA ENTRE MEMÓRIA NACIONAL E MEMÓRIA LOCAL.

Em relação aos museus nacionais existe pouco ou nada sobre comunidades singulares no acervo dos mesmos e o que existe traz informações mais gerais e pouco exatas, muito desse procedimento se deve pela própria extensão do país e principalmente, pela diversidade cultural presente. Estes museus nacionais estão mais relacionados com as questões políticas ocorridas no Brasil ao longo de sua formação e os impactos que estas provocaram à identidade.

O museu é uma instituição especializada na produção e recordação da memória. A memória estabelece um papel importante na construção de imaginários, e a identidade se constrói a partir desses imaginários. Então: qual é a representação que um museu nacional pode dar a uma etnia estritamente local, particular, através de seu amplo acervo multicultural?

⁹ Uma vez que o Pomerano é um dialeto, e como língua escrita só existiu até cerca do ano de 1.600, quando passou a ser apenas falado, as aulas eram ministradas em alemão, pela facilidade com que obtinham os livros impressos nesse idioma. Ainda, os colonos consideravam a língua alemã mais fácil do que a portuguesa, por ser o pomerano uma dissidência germânica (ACEVEDO, ESTRELA e SALAMONI, 1995, p.34).

Contestar essa questão implica em compreender o papel dos museus como expressão de um discurso político de uma relação de poder. Os museus nacionais¹⁰ pretendem fixar uma memória nacional seletiva, que nada mais é do que firmar uma ideologia, uma visão hegemônica da história e da identidade nacional. Uma marca que muitas vezes corresponde à memória dos atores hegemônicos¹¹, que termina excluindo a memória local dos vencidos e oprimidos.

Deste modo, é compreensível que o acervo de um museu nacional represente uma imagem subordinada de minorias identitárias, talvez ainda incorreta. Fato que se deve pelas formas de governo que o Brasil teve, principalmente durante a Primeira Guerra Mundial, em que se impedia qualquer manifestação cultural que não fosse a “cultura nacional” e pelo isolamento das populações durante o processo de colonização. A grande maioria da população pomerana buscou se estabelecer em áreas onde pudesse desempenhar sua atividade agrícola¹² e formar uma comunidade própria.

Portanto esses fatos nos levam a pensar que os museus nacionais colocam as pequenas sociedades em uma posição subjetiva de incapacidade. Tornam-se instituições político-ideológica, criadas por uma pessoa ou grupo que naquele momento histórico dava ênfase às questões nacionais em detrimento às questões locais.

Desse modo pelo exposto, podemos concluir que os museus como representantes de uma memória “nacional”, cumprem um papel de construção e disseminação de um propósito nacional e de uma identidade nacional. E como tal concretam uma visão particular da história, muitas vezes das elites hegemônicas. Como resultado, os museus nacionais, através de seu acervo e propaganda, buscam representar ou ordenar uma realidade nacional partindo muitas vezes de posições políticas, definindo que pode ser central ou periférico, o que tem valor e o que é inútil, o que pode ser conhecido e o que pode ser escondido.

¹⁰ Nos museus nacionais, sobretudo nos históricos, está em pauta a preservação, o uso e a transmissão de uma determinada herança cultural, composta de fragmentos a que se atribui o papel de representação do nacional, ou melhor, de representação de determinados eventos, narrados sob determinada ótica. Essa herança, à medida que se articula com fatos, acontecimentos, processos e conjunturas políticas, é convertida em memória política. Por sua vez, a preservação e a difusão dessa memória está atrelada à política de memória posta em curso pelas instituições museológicas (ABREU e CHAGAS, 2003, p. 142).

¹¹ Os atores hegemônicos da vida econômica, social e política podem escolher os melhores lugares para sua atuação e, em consequência, a localização dos demais atores é condenada a ser residual (SANTOS, 1996, p. 162).

¹² Entretanto, paralelamente às atividades agrícolas, os colonos supriam as necessidades de sobrevivência do grupo, exercendo outros ofícios como: carpinteiro, ferreiro, alfaiate, pedreiro, professor, farmacêutico, pastor, entre outros, o que fez com que se constituíssem em pequenas comunidades auto-suficientes. Esse fato deveu-se, em parte, pelas distâncias e dificuldades de deslocamento até os centros urbanos (ACEVEDO, ESTRELA e SALAMONI, 1995, p.34).

Em relação ao museu local, com seus recursos de sedução, acrescenta a seus objetos a recordação do passado de uma comunidade local. E, ao fazê-lo, sua importância consiste em trazer à tona possibilidades ainda latentes de uma determinada realidade, um convite ao pensar, a imaginar que as coisas locais podiam ser diferentes. Nesse convite à imaginação do possível, as fronteiras do fazer museológico recuperam um ponto essencial de articulação da história, possibilitando o acesso ao que existiu no passado. Por isso, segundo MENESES (2002, p.19), o museu é um espaço de fruição, “[...] *é ainda lugar e oportunidade de devaneio, de sonhos, de evasão, do imaginário, que são funções psíquicas extremamente importantes para prover equilíbrios, liberar tensões, assumir conflitos, desenvolver capacidade crítica, reforçar e alimentar energias, projetar o futuro*”. Mas também é um espaço informativo, educativo, de pesquisa e produção de conhecimento.

Como podemos perceber esse interesse por identidade local e, conseqüentemente pelo passado, se reflete na criação de lugares de memória e locais de rememoração na própria comunidade, que buscam evitar o esquecimento e impor a noção de um tempo estável no mundo atual. O Museu do Imigrante se torna esse importante espaço da memória pomerana passada, procurando enfatizar a noção de continuidade e pertencimento.

Sendo assim, o museu termina sendo um lugar de confrontação, um espaço de disputa onde se redefinem distintas noções de memórias, de interpretações do passado, de valorização da história e da construção e fortalecimento de uma identidade cultural.

RECUPERAÇÃO DA MEMÓRIA E DA HISTÓRIA

O Museu do Imigrante deverá ter a função de recuperar a memória histórica e coletiva dos pomeranos e de seus descendentes, assim se converte em um recurso necessário para a mobilização identitária da comunidade. O exemplo mais claro ocorreu na primeira exposição realizada antes mesmo da criação efetiva do museu, quando uma grande maioria de pessoas compostas por descendentes de pomeranos, buscavam uma reconstrução no imaginário de sua memória histórica uma reflexão sobre a identidade.

Sobre esse processo de recuperação da memória¹³, os pomeranos, na trajetória de sua cultura no município, foram trazendo vestígios do passado que já não são utilizados na

¹³ A noção fundamental é que, sem transmissão, a memória social não se constitui. A transmissão, portanto, implica a atualização da memória. Nesse sentido, memória e preservação aproximam-se. Preservar é ver antes o perigo de destruição, valorizar o que está em perigo e tentar evitar que ele se manifeste como acontecimento fatal. Assim, a preservação participa de um jogo permanente com a destruição, um jogo que se assemelha, totalmente ao da memória com o esquecimento (ABREU, 2003, p. 164).

atualidade, com os modos de trabalho, que aos poucos se converterá em um espaço vivo de representações cultural mediante a criação do Museu do Imigrante.

Com o passar dos anos, os pomeranos passaram a criar novas memórias utilizando métodos em que as narrativas contadas por seus familiares se tornaram um papel fundamental. Tal construção da memória por intermédio da narração, em que o relator oral transmite uma mensagem histórica de forma livre e flexível, se torna muito importante devido à relação entre memória e história oral, que é uma forma de manter viva a história dos mesmos.

Mas a construção das memórias também tem seus vazios, pois em muitas coisas a recordar, também existem coisas que se deseja esquecer. Isso acontece pelo fato da diferença, quanto à importância do acontecimento, que cada pessoa vai assimilar de forma diferente, o que para alguns são acontecimentos sem importância, para outros são relevantes em suas vidas. Alguns acontecimentos afetam quase que a totalidade de uma comunidade, causando uma espécie de amnésia coletiva, que está muitas vezes relacionada à situação de humilhação ou sofrimento. No entanto frente a essa situação, é possível determinar que não há memória sem esquecimento, o que se apresenta então, é que os silêncios da memória são silêncios traumáticos que não são totalmente esquecidos, mas sim formas distintas de usar a memória de acordo com as circunstâncias e os tempos.

A memória tem diferentes usos em distintos momentos da história. Por isso é necessário ter em mente que as memórias são processos dinâmicos e flexíveis em determinadas situações políticas e sociais. No entanto, a memória não se opõe a nenhum modo de esquecimento, ela sempre é uma interação entre esquecimento e lembrança. De modo que a memória deve ser entendida como uma seleção de certos momentos do passado, em que alguns acontecimentos são conservados e outros descartados.

Para os pomeranos esses silêncios da memória, traumáticos, não podem ser esquecidos, mesmo sendo eventos refugiados na intimidade da memória, nos sentidos e muitas vezes no próprio corpo devido ao trabalho árduo e exaustivo. Desse modo, para os pomeranos, as canções, danças, mitos, comunicações, relatos, costumes do passado, se mantêm na memória como lugares da memória histórica e coletiva, que ressurgem consciente ou inconscientemente em função das relações sociais em um contexto coletivo de reconstrução da identidade¹⁴.

¹⁴ Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada” (HALL, 2002, p. 38).

A MEMÓRIA COLETIVA COMO REAFIRMAÇÃO CULTURAL

A memória é o fio condutor ligando as gerações umas as outras e dando um caráter de continuidade. Já as semelhanças e as diferenças identitárias se traduzem por manifestações materiais ou imateriais. Assim o desafio que se coloca hoje para as pessoas que tomam o museu, seus objetos e sua estrutura arquitetônica como enfoque de pesquisas, é o de investigar a importância cultural e a inserção social do museu no campo da contestação. Onde se debatem questões relacionadas como o que se entende por cultura¹⁵, propriedade cultural e modalidades de representação.

Considerando que o museu recolhe as mais variadas manifestações do desenvolvimento humano através de fatos, acontecimentos e relatos. A história de uma comunidade é a sua memória coletiva e, cumpre a mesma função da memória individual: a de dar-lhe um sentido de identidade cultural que o faz ser ele mesmo e não outro.

A recuperação da memória coletiva histórica para os pomeranos se tem convertido em uma ferramenta importante para a reafirmação da identidade cultural no município. Em suas ações coletivas estes recorrem à memória como estratégia de fortalecimento cultural. Isso tanto a cultura e a memória estão ligadas estreitamente, de modo que a organização da memória está sempre ligada à cultura. Isso devido a um momento histórico de vislumbamento da necessidade de buscar novos laços identitários ou de reafirmar os já existentes.

A globalização¹⁶, momento esse em que vivemos, ao invés de homogeneizar a cultura, acaba por permitir reafirmar determinadas identidades étnicas. A globalização não é fator determinante no processo de homogeneização da cultura por permitir o acesso às mais variadas formas de conhecimento, ao contrário, ela estimula a procura e a necessidade de particularidades culturais de uma memória coletiva.

Ao mesmo tempo em que o espaço global incentiva os processos de contato entre culturas, também contribui para o surgimento de diversas formas culturais singulares, e que muitas vezes resultam na construção de novas referências simbólicas ou mesmo da reelaboração de antigas mediante esse processo. Nesse sentido, e de acordo com Stuart Hall

¹⁵A cultura, como universo da escolha, como universo histórico das opções, da produção, circulação e consumo de sentido e de valor, não pode ser relegada às esferas do supérfluo da existência, ainda que revestida de brilho e prestígio. Seu lugar é o domínio das necessidades, aquelas mesmas que determinam a sobrevivência orgânica, psíquica e social (MENESES, 1996, p. 94).

¹⁶ Uma de suas características principais é a “compressão espaço-tempo”, a aceleração dos processos globais, de forma que se sente que o mundo é menor e as distâncias mais curtas, que os eventos em um determinado lugar têm um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância (HALL, 2002, p. 69).

(2002, p.73), “*as identidades nacionais permanecem fortes, especialmente com respeito a coisas com direitos legais e de cidadania, mas as identidades locais, regionais e comunitárias, têm se tornando mais importantes*”. A valorização dos referenciais locais em oposição à globalização ressalta a importância das identidades, que possibilitam às pessoas uma referência ao seu lugar e ao seu grupo.

Nesse sentido, não podemos negar o papel, hoje, que o museu ocupa, tanto como local de reafirmação ou tentativa de reafirmação de identidade, mas principalmente como espaço de análise das relações. Relações estabelecidas entre a dinâmica cultural influenciada pelo processo de globalização e a memória coletiva de um grupo étnico, nesse caso os pomeranos do município de São Lourenço do Sul. Desse modo, a memória coletiva corresponde a um repertório de situações que se reinventam constantemente para responder às trocas presentes no mundo em que se vive.

UMA PROPOSTA DE MUSEU DO IMIGRANTE

Entre os processos de revitalização da memória por parte dos pomeranos, o museu poderá ter uma importância fundamental, do mesmo modo que durante a comemoração do Sesquicentenário da Colonização Alemã-pomerana de São Lourenço do Sul, datas históricas e demais marcas da memória, são peças-chaves nos processos identitários.

Deve-se apontar que o Museu do Imigrante deverá centrar seus objetivos no sentido de fortalecer o patrimônio cultural¹⁷ do município, dentro do contexto de democratização da cultura. O museu tem assim um desafio: entender as múltiplas ofertas simbólicas que interagem em um mundo cada vez mais intercultural, desterritorializado¹⁸, globalizado e diverso. Onde as identidades não são valorizações acabadas, mas sim em permanente intercâmbio.

A lógica da musealização se torna cada vez mais presente na atualidade. O museu passa a oferecer caminhos que permitem uma articulação entre o passado e o presente, a

¹⁷ A preservação do patrimônio cultural implica noções de “valor” e “perigo”. Valorizar o bem e desejar evitar o perigo de destruição constituem os gestos básicos da coreografia preservacionista que, a rigor, traduz um esforço e um anelo de prolongamento da vida social do bem cultural. É na vida e no uso social do bem cultural que reside o sentido da preservação. A assunção do perigo do uso social do bem preservado implica a possibilidade de ele ser utilizado como referência de memória, ou como recurso de educação, de conhecimento, de transformação, de sobrevivência e de lazer, por determinadas coletividades (ABREU, 2003, p. 106).

¹⁸ A circulação é mais criadora que a produção. Os homens mudam de lugar, como turistas ou como imigrantes. Mas também os produtos, as mercadorias, as imagens, as idéias. Tudo voa. Daí a idéia de desterritorialização. Desterritorialização é, freqüentemente, uma outra palavra para significar estranhamento, que é, também, desculturização (SANTOS, 1996, p. 262).

relação de representação que se estabelece com um objeto material ou imagem presente e algo ausente e, por outro, as representações da memória coletivas elaboradas no sentido de enunciar e definir uma determinada realidade são processos mentais, pois em ambos, pode estar ausente uma relação de representações direta com um dado objeto ou imagem.

É importante destacar que nenhum objeto é aparentemente criado com a função de se tornar uma peça de museu, geralmente ele é criado, em um determinado momento histórico, para satisfazer ou facilitar as necessidades básicas ou formas de trabalho, um aperfeiçoamento técnico¹⁹. Mas no momento atual em que é escolhido por alguém, ou por um grupo de pessoas, devido ao seu caráter único, ou mesmo representante de uma coletividade, passa a se tornar um objeto de valor para o museu, um bem cultural. Nesse sentido, os objetos selecionados para o acervo do museu são valorizados duas vezes: a primeira quando integra o acervo da instituição e a segunda quando o objeto associa-se a outros objetos também escolhidos para serem expostos ao público.

No entanto deve-se prevenir, mediante essa abertura à diversidade cultural por parte do Museu do Imigrante, que não se converta em um simples discurso da democratização da diversidade. É importante que esse espaço forneça subsídios culturais e marcas da memória dos antepassados como forma de reafirmação cultural e, desta forma, se torne uma proposta de inclusão e de diálogo sobre a diversidade. Não se pode pretender realizar um simples simulacro da identidade e do patrimônio para satisfazer o comércio e o turismo.

Ainda que, tão pouco se trata de um radicalismo que não é capaz de interpretar as tramas da pós-modernidade²⁰ e os cenários que impõe o processo de globalização. É inevitável que a política cultural adotada pela maioria dos museus de abertura à diversidade cultural está orientada à participação, à concentração e às possibilidades recreativas das pessoas que irá representar.

Sendo assim, a sobrevivência do Museu do Imigrante exige que a sua identidade, a sua missão, objetivos e projetos, sejam pensados e articulados de forma a ir ao encontro das necessidades de um conjunto de pessoas cada vez mais heterogêneo, a tornar-se mais aberto a

¹⁹ É o lugar que atribui às técnicas o princípio de realidade histórica relativizando o seu uso, integrando-as num conjunto de vida, retirando-as de sua abstração empírica e lhes atribuindo efetividade histórica. E, num determinado lugar, não há técnicas isoladas, de tal modo que o efeito de idade de uma delas é sempre condicionado pelo das outras (SANTOS, 1996, p. 48).

²⁰ Isso evoca a mais difícil questão sobre o movimento pós-moderno: o seu relacionamento com a cultura da vida diária e a sua integração nela. Embora quase toda a discussão disso ocorra no abstrato, e, portanto, nos termos não muito acessíveis que sou forçado a usar aqui, há inúmeros pontos de contato entre produtores de artefatos culturais e o público em geral: arquitetura, propaganda, moda, filmes, promoção de eventos multimídia, espetáculos grandiosos, campanhas políticas e a onipresente televisão. Nem sempre é claro quem está influenciando quem no processo (HARVEY, 1996, p.62).

diferentes narrativas e circunstâncias locais conduzindo a uma reconceitualização da função social e comunicacional do termo museu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendeu-se nesse artigo salientar os aspectos relevantes para a implantação de um museu na localidade de Picada Moinhos em São Lourenço do Sul. Um local denominado de Coxilha do Barão foi o lugar que serviu para a construção da moradia do fundador da Colônia, Jacob Rheigantz. Atualmente, a residência, preservada pelo empenho e comprometimento da comunidade de Picada Moinhos, terá uma nova função. Em se tornando um museu, este terá um papel relevante no campo da democratização do patrimônio cultural.

Porém é necessário pensar em uma proposta que deva ser discutida amplamente entre a comunidade, administração pública, instituição responsável pelo museu, fundação responsável pelo projeto e demais pesquisadores da área. E onde a sociedade em questão que irá propor como quer ser representada, que objetos disponibilizará e que aspectos culturais serão prioritários na proposta museográfica. A decisão da proposta deverá ser construída mediante um amplo sentido democrático e participativo. Além do mais, pensar em uma proposta de museu que represente uma etnia deverá implicar uma grande investigação documental e etnográfica. A qual deverá completar-se pela geração de um debate em torno das representações sociais, da memória e da identidade cultural.

A proposta do Museu do Imigrante deverá contextualizar-se com apoio epistemológico que dê conta de explicar a contribuição dos pomeranos na constituição do município, não somente a história e os costumes, mas também a economia, política, religião, educação e outras esferas da cultura pomerana. De modo que qualquer visitante ao museu seja capaz de “ler” a cultura pomerana, tal como define GEERTZ (1989, p.17) “*como um grande contexto de significados que se implicam na cumplicidade*”. Isto faz entender que cultura pomerana não se encontra isolada em uma área, ela é uma componente resumida de uma ampla região na Europa que não pertence mais a essa etnia.

Inicialmente o museu deverá ter a missão de recuperar e revitalizar a memória tangível e intangível da cultura pomerana em São Lourenço do Sul, de modo que permita a valorização da história, a compreensão do presente e a projeção de um futuro promissor. Em relação a um museu nacional, a generalidade de elementos para estruturar de maneira inclusiva e sem discriminação, uma identidade, se torna muito complexa devido à diversidade cultural

presente no país. Desta forma as pequenas sociedades têm pouca ou nenhuma representação nestes espaços nacionais.

Sendo assim, o Museu do Imigrante deverá ressaltar a memória pomerana em três cenários: Europa, Brasil e Rio Grande do Sul, de onde partiram esses grupos até a sua contribuição local. Permitindo conhecer melhor a cultura pomerana a partir do legado dos descendentes, o acervo deverá ser mais que uma simples resposta, mas que gere perguntas, debates e controvérsias acerca das distintas visões que os objetos proporcionam. O mais importante é refletir de maneira crítica sobre a memória deste povo.

Por fim o Museu do Imigrante deverá ocupar uma posição relevante nas questões relacionadas com o patrimônio cultural, tornando-se não apenas um lugar de contemplação e de admiração, para tornar-se também um espaço de interação de seu acervo com a comunidade e conseqüentemente com o seu patrimônio, sua identidade e sua memória. Sendo assim, o museu deverá tornar-se uma experiência pessoal, a qualquer um que seja capaz de perpassar por um passado vivido ou relatado de uma cultura.

REFERÊNCIAS

- ABREU, R., CHAGAS, M. (org). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. 316 p.
- ACEVEDO, H. C., ESTRELA, L. C. , SALAMONI, G. **Os Pomeranos: valores culturais da família de origem pomerana no Rio Grande do Sul – Pelotas e São Lourenço do Sul** . Pelotas: Editora Universitária, 1995. 81 p.
- CARLOS, A.F.A. **O Turismo e a produção do não-lugar**. In: **Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura**. São Paulo: Hucitec, 1996. 241 p.
- CARVALHO, P. F. **Patrimônio histórico e artístico nas cidades médias paulistas: a construção do lugar**. In: **Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura**. São Paulo: Hucitec, 1996. 241 p.
- CHOAY, F. , **A alegoria do patrimônio**; tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Editora UNESP, 2001. 283 p.
- COARACY, V. **A Colônia de São Lourenço e seu fundador – Jacob Rheingantz**. São Paulo: Saraiva, 1957. 161 p.
- GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1989. 323 p.
- HALL, S. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro, 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. 102 p.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural**. Tradução: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves, 6ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996. 351 p.
- MELLO, L.G. **Antropologia Cultural: Iniciação, Teoria e Temas**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1995. 526 p.
- MENESES, U.T.B. **Os “usos culturais” da cultura: contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais**. In: **Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura**. São Paulo: Hucitec, 1996. 241 p.
- RODRIGUES, A. B. (org). **Turismo e Desenvolvimento Local**. São Paulo: Hucitec, 1997. 207 p.
- SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 1996. 384 p.
- YÁZIGI, E., CARLOS, A.F.A., CRUZ, R.C.A., MENESES, U.T.B. (org). **Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura**. São Paulo: Hucitec, 1996. 241 p.